

A MEDIAÇÃO DO PEDAGOGO NA RELAÇÃO ENTRE O PLANEJAMENTO CURRICULAR E A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

LUCIANA BARBOSADA SILVA

Mestre pelo Curso de Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE, luciana.bs85@gmail.com;

EDLAMAR OLIVEIRA DOS SANTOS

Doutora pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, edlamarsantos@reitoria.ifpe.edu.br.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo tratar da mediação realizada pelo pedagogo na relação entre o planejamento curricular e a prática docente no Ensino Médio Integrado. Quanto ao processo metodológico, constituiu-se de uma pesquisa qualitativa, realizada através de revisão de literatura, adotando como técnicas a análise de documentos, o questionário e a entrevista semiestruturada. Realizado no *campus* Caruaru do IFPE, teve como sujeitos docentes e pedagogas da instituição. Compondo o referencial teórico utilizamos estudos de Almeida (2012), Brandt *et al.* (2014), Freire (2006), Kuenzer (2007), Libâneo (2010), Melo (2014), Ramos (2005), Sacristan (2000), Vasconcellos (2002), entre outros. Os dados foram organizados e analisados a partir da análise de conteúdo temática de Bardin (1977). Esses revelaram que existe a compreensão dos sujeitos participantes quanto a importância do planejamento curricular, bem como que esse relaciona-se com a prática docente. Mediando e articulando ambos processos está o pedagogo, cujas ações são vistas como necessárias e contributivas, pelos docentes.

Palavras-chave: Pedagogo; Planejamento curricular; Prática docente.

1. INTRODUÇÃO

Promover um ensino integrado demanda dos Institutos Federais, entre outras coisas, planejamentos curriculares que contemplem os pressupostos de integração, bem como a promoção de uma formação humana e integral dos sujeitos. Desse modo, a construção da proposta curricular dos cursos que ofertam, necessita ser um processo coletivo e participativo, além disso, é preciso que este planejamento se materialize nesses espaços. Relacionado a isso destacamos a prática docente, visto que a vivência dessa se orienta pelo currículo. Colaborando com o desenvolvimento de ambos processos, os institutos contam com o pedagogo, profissional que atua na articulação das práticas, planos e projetos da instituição.

Desse modo, o Ensino Médio Integrado (EMI) ofertado nesses espaços visa a superação do ensino dual, que separava a formação geral da técnica profissional, buscando ofertar uma formação humana e integral dos sujeitos, com perspectivas de que sejam autônomos, com capacidade para atuar no meio em que vivem e para isso tem-se o trabalho como princípio educativo, em suas dimensões ontológica e histórica (RAMOS, 2005).

Assim, para que esta etapa de ensino se desenvolva com estas perspectivas, a proposta curricular dos cursos, bem como a prática desenvolvida pelos docentes precisam ser reflexo dessas. Por isso, compreendemos que construir o currículo dos cursos do EMI, requer um planejamento participativo e democrático, que considera as propostas e concepções dos diferentes sujeitos que fazem parte do processo de ensino. Como parte integrante desse processo, o pedagogo, em virtude dos conhecimentos que detém do campo educacional e dos aspectos pedagógicos de modo geral, colabora para que o processo de planejamento curricular.

O pedagogo é o profissional cuja formação o prepara para atuar nas diferentes instâncias das instituições de ensino. Desse modo, lidando com as demandas educacionais e articulando as práticas pedagógicas destes espaços, o trabalho desse profissional mostra-se importante, uma vez que colabora para promoção de uma educação que busca formar cidadãos transformadores da própria realidade.

Nos Institutos Federais, o pedagogo realiza atividades próximas a de um coordenador escolar, mas há algumas especificidades devido a modalidade de ensino que esses espaços ofertam – a educação profissional e tecnológica. Brandt *et al.* (2014) relatam que esses profissionais

acompanham as atividades educativas com o objetivo de primar pela qualidade dessas, o que requer desses ter conhecimentos sobre as legislações educacionais, uma base teórica, habilidade para trabalhar em equipe, planejar, interagir com os sujeitos e envolver-se na elaboração de documentos correlatos ao pedagógico da instituição.

Além de mediar o processo de planejamento curricular o pedagogo acompanha a materialização desse, visto que o currículo orienta o desenvolvimento das práticas dentro da instituição. Dentre essas, destacamos a prática docente que segundo Melo (2014) tem como função específica ensinar, uma ação que demanda dos docentes, planejamento, intencionalidades e uma vivência que se relacione com a proposta de formação integral dos sujeitos. Colaborando com o desenvolvimento do seu fazer, os docentes contam com a pedagogo, que os assessora em aspectos didático-pedagógicos, metodológicos, avaliativos.

Desse modo, compreendemos que o pedagogo atua na articulação, mediação, assessoramento e desenvolvimento dos aspectos correlatos ao pedagógico, aqui, em destaque os relacionados ao EMI. Por compreendermos que a relação entre o planejamento curricular e a prática docente revela-se importante para o desenvolvimento do EMI, decidimos por direcionar nosso olhar para esse tema.

O estudo teve por objetivo compreender a mediação do pedagogo na relação entre o planejamento curricular e a prática docente do EMI. Esse consiste em um recorte de dissertação de mestrado. Com uma abordagem qualitativa, tivemos como campo de pesquisa o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) – *campus* Caruaru e como sujeitos os docentes que atuam tanto da formação geral quanto na técnica profissional, dos três cursos de nível médio integrado (Edificações, Mecatrônica e Segurança do Trabalho) e as pedagogas da instituição. Os dados foram organizados e analisados a partir da análise de conteúdo temática de Bardin (1977), sendo provenientes de questionário, entrevista semiestruturada (10 sujeitos - 4 docentes de cada área de formação e 2 pedagogas) e análise documental.

A análise dos dados revelou que há o reconhecimento por parte dos docentes da importância do pedagogo tanto no desenvolvimento do planejamento curricular quanto no acompanhamento da prática docente e que a mediação desse profissional pode colaborar para melhorias no ensino ofertado pela instituição.

2. A MEDIAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE PLANEJAMENTO CURRICULAR E A PRÁTICA DOCENTE

2.1 PLANEJAMENTO CURRICULAR DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

O EMI dos Institutos Federais busca a superação do ensino dual que separava a formação geral da técnica profissional, sendo essa destinada ao proletariado e aquela, a burguesia. Uma realidade que se apresentou em nosso país durante um longo período, mas que começou a ser redesenhada a partir da promulgação do Decreto nº 5.154/04, o qual articula a educação profissional ao Ensino Médio.

Esta etapa de ensino se inspira nas concepções gramscianas, com vistas de uma escola **unitária** “que desenvolva as potencialidades dos indivíduos (formação omnilateral), conduzindo-os ao desabrochar pleno de suas faculdades espirituais e intelectuais” (SAVIANI, 1999, p. 34-35) e **politécnica**, termo que “[...] supõe, portanto, uma nova forma de integração de vários conhecimentos, que quebra os bloqueios artificiais que transformam as disciplinas em compartimentos específicos, expressão da fragmentação da ciência” (KUENZER, 2007, p. 87).

Percebemos que mais que unir trabalho e educação a proposta é uma formação humana e integral dos sujeitos. Nesta conjuntura o trabalho é entendido como princípio educativo, o qual orienta uma educação que assente a capacidade de todo ser humano de desenvolver-se de modo produtivo, científico e cultural, no seu processo formativo (RAMOS, 2017). Para isso saberes de diferentes áreas são articulados, contemplando os eixos: trabalho, ciência, tecnologia e cultura.

Para que os aspectos mencionados sejam considerados mostra-se necessário planejar as ações do ensino, por isso destacamos a importância do planejamento curricular. Entendemos que a constituição desse perpassa pela compreensão dos sujeitos quanto ao que é o currículo, bem como pela teoria (tradicional, crítica ou pós-crítica) que o fundamenta.

A percepção aqui partilhada é de currículo enquanto um processo que se transforma conforme a teoria, os aspectos históricos, culturais, econômicos, a concepção que se tem de educação. Logo não é possível trazer uma concepção fechada desse, pois como nos diz Silva (2010, p. 150) “O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso.”.

Dessa maneira, o planejamento curricular é momento de escolhas e, também, de decisão acerca do que vai ser ensinado e qual a visão de mundo será transmitida, por isso precisa ocorrer na coletividade, contando com a participação de diferentes sujeitos da instituição. Ele também é considerado espaço de disputas e nas palavras de Araujo e Frigotto (2015, p. 67-68)

O currículo constitui-se em uma arena política de ideologia, poder e cultura. Consiste em um campo ideológico por transmitir e produzir uma visão de mundo vinculado aos interesses dos grupos sociais, por meio das práticas educativas. É um espaço de expressão das relações sociais de poder, visto que se constitui e, ao mesmo tempo, resulta da relação entre as classes sociais; é uma área de conflitos de cultura de classes, em que se transmite a cultura oficial e se produz a cultura contestada.

Percebemos que nesse processo ocorrem problematizações, abdições, deliberações e que também se mostra necessário considerar as múltiplas dimensões que compõem o currículo para que ele possa realmente contemplar os objetivos educacionais da instituição, refletindo sua identidade, cultura e sujeitos.

Atuar na articulação desse processo faz parte das atribuições do pedagogo, o qual precisa realizar ações que tornem esse um momento democrático, coletivo e participativo, cooperando para construção de um currículo que promova a formação de cidadãos autônomos, críticos e reflexivos. Para que isso aconteça Araujo e Frigotto (2015) relatam que os currículos precisam estar orientados por princípios como a contextualização, a interdisciplinaridade e o compromisso com a transformação social.

Esse entendimento se distancia da concepção de currículo apenas como conjunto de disciplinas, de conteúdos a serem ministrados, bem como que uma área de formação é mais importante que a outra. Como a proposta dos institutos caminha na direção apresentada por esses autores, o pedagogo pode contribuir nessa aproximação que precisa existir entre as duas áreas de formação, para que a integração entre o científico e o técnico profissional possa ocorrer, evitando-se, a fragmentação do saber.

Assim, constata-se que os cursos de EMI necessitam de uma organização curricular, a qual nas palavras de Ramos (2005) precisa estar pautada em alguns pressupostos como: a concepção do ser humano como um ser histórico-social que seja capaz de transformar a própria realidade; uma

formação humana; ter o trabalho como princípio educativo; basear-se em uma epistemologia que leva em consideração a unidade entre conhecimentos gerais e específicos; embasar-se numa pedagogia que constrói conjuntamente conhecimentos gerais e específicos; e que seja orientado pelos fundamentos das variadas técnicas que identificam o processo de trabalho moderno, contando com os eixos trabalho, ciência e cultura.

O pedagogo pode promover discussões quanto a esses pressupostos para que no planejamento do currículo, esses possam ser uma referência. Assim, as ações desse profissional visam a construção de uma proposta curricular tecida a partir de momentos de diálogo e discussões coletivas.

É preciso considerar que o planejamento curricular também é espaço de reflexão da prática docente, visto que os processos didático-metodológicos são parte do currículo, pois conforme Sacristan (2000, p. 32)

O currículo, com tudo o que implica quanto a seus conteúdos e formas de desenvolvê-los, é um ponto central de referência na melhora da qualidade do ensino, na mudança das condições da prática, no aperfeiçoamento dos professores, na renovação da instituição escolar em geral e nos projetos de inovação dos centros escolares.

Desse modo, é possível declarar que existe uma ligação entre o planejamento curricular e a prática docente, visto que “o currículo acaba numa prática pedagógica” (SACRISTAN, 2000, p. 26). Assim, a construção da proposta curricular pode representar momentos para pensar estratégias de transformação da prática docente.

2.2 PRÁTICA DOCENTE E O DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO INTEGRADO

De acordo com Souza (2006) existem diferentes práticas sendo vivenciadas nas instituições escolares: prática pedagógica, gestora, docente, discente, epistemológica. Entendemos que elas se relacionam, bem como que estão interconectadas a proposta curricular, uma vez que “O currículo é o cruzamento de práticas diferentes e se converte em configurador, por sua vez, de tudo o que podemos denominar como prática pedagógica nas aulas e nas escolas” (SACRISTAN, 2000, p. 26).

A prática docente, a qual destacamos neste estudo, “diz respeito ao fazer do professor, ou seja, ao trabalho que é inerente à atividade da docência” (MELO, 2014, p. 41). O docente tem como atividade principal o

ensino, o que requer deste planejamento e uma compreensão clara dos objetivos que pretende alcançar e o modo como desenvolverá seu trabalho para atingí-los.

Assim, faz parte de suas atribuições realizar uma prática dotada de intencionalidade, planejada e executada com fins na aprendizagem dos estudantes. Ainda de acordo com Melo (2014) a prática docente se insere tanto na prática pedagógica quanto na educativa, portanto, como já dissemos, estão interconectadas.

Desenvolver a prática docente também requer reflexão sobre ela, na perspectiva de ressignificá-la sempre que se fizer necessário. Esse posicionamento reflexivo e crítico coopera para promoção do ensino que atende as demandas de uma formação integrada. Nas palavras de Freire (2006, p. 38) “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Isso nos remete a considerar uma prática que se sobrepõe a mera execução de atividades e que se transforma a partir de processos reflexivos, nos quais identifica-se o que precisa ser revisto. Para isso o docente pode contar com a colaboração do pedagogo e juntos construir as estratégias necessárias à mudança.

É importante lembrar que, apesar do nome ser prática docente, essa se fundamenta numa teoria, uma vez que o par teoria-prática necessita caminhar lado a lado na vivência da docência, sendo, portanto, inseparáveis, pois conforme nos fala Vázquez (2011, p. 245), “Consideradas as relações entre teoria e prática no primeiro plano, dizemos que a primeira depende da segunda na medida em que a prática é o fundamento da teoria, já que determina o horizonte de desenvolvimento e progresso do conhecimento”. Para que o ensino seja integrado essa compreensão precisa estar muito clara, visto que mesmo as disciplinas que apresentam conteúdos de ordem mais prática não se limitam ao ensinar a fazer, há bases teóricas que a compõem.

Desse modo, como um articulador das práticas desenvolvidas na instituição, situamos o papel do pedagogo enquanto profissional que pode contribuir para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, a partir de uma perspectiva colaborativo junto aos docentes, acompanhando e colaborando para que a prática cotidiana desses seja alvo de reflexões e assim de aprimoramentos.

Cabe salientar que os docentes que trabalham nos institutos têm formação em diferentes áreas, sendo a inicial em bacharelados, licenciaturas ou tecnólogos, existindo ainda docentes que não têm formação pedagógica. Essa diversidade é um aspecto enriquecedor, mas que também

requer atenção, uma vez que pode repercutir na forma como desenvolvem a prática.

Por isso mostra-se necessária o acompanhamento e assessoramento do pedagogo nos aspectos correlatos ao exercício da docência, o qual não se restringe ao grupo de docentes das áreas técnicas profissionais. Esse acompanhamento é possível porque o pedagogo possui conhecimentos sobre didática, metodologia, processo de ensino aprendizagem, entre outros, os quais podem ser elementos de estudo e formação junto ao grupo de docentes. Segundo Maciel (2010, p. 169):

A mediação realizada pelo pedagogo entre o professor e as formas de condução pedagógica para a sua prática na escola de educação profissional guarda especificidades, ou seja, a educação profissional é qualitativamente diferente por ter como finalidade específica propiciar a apropriação de instrumentos culturais básicos que permitam elaboração de entendimento da realidade social e promoção do desenvolvimento individual e profissional do aluno. Assim, a atividade que o pedagogo realiza neste âmbito é um conjunto de ações intencionais, conscientes, dirigidas para um fim específico.

E para desenvolvê-las ele não precisa dominar os conhecimentos específicos de cada área de formação, visto que suas intervenções não serão sobre as particularidades das disciplinas. O pedagogo, junto ao docente, irá olhar para essa prática de modo crítico, numa perspectiva construtiva e transformadora, que busque a materialização da proposta curricular.

Assim, para realizar um ensino que articule as duas áreas de conhecimento é preciso colocar em prática o currículo que foi construído. Sobre isso Melo (2019) nos diz que para realizar o ensino, algo que é inerente de sua profissão, o docente pratica um currículo. Cabe destacarmos que, segundo a autora, a prática docente é bem mais ampla, da qual a prática curricular faz parte.

É importante salientar que a prática docente precisa também estar articulada com a realidade social, de modo que aspectos como o contexto, a cultura, os sujeitos e suas vivências sejam considerados. Isso contribui para aproximar os sujeitos do processo de ensino, favorecendo interações e uma aprendizagem significativa. Nesta perspectiva a prática docente estabelece relação com a proposta de um ensino integrado, o qual não deve apenas constar no currículo, mas ser algo vivenciado no dia a dia.

2.3 UMA ANÁLISE DA MEDIAÇÃO DO PEDAGOGO NA RELAÇÃO ENTRE O PLANEJAMENTO CURRICULAR E A PRÁTICA DOCENTE

As atividades que o pedagogo desenvolve na instituição pesquisada são concernentes aos aspectos pedagógicos, burocráticos e relacionais e conforme os dados estão direcionadas a assessoramento de docentes, discentes, corpo técnico e diretorias nas demandas relativas ao processo de ensino aprendizagem, nos diferentes níveis e modalidades de ensino ofertados pela instituição.

Para isso, ele realiza articulações entre diferentes elementos: planejamentos, projetos, práticas e sujeitos, com o objetivo de contribuir para promover um ensino de qualidade. Suas ações são compreendidas como importantes e necessárias pelos docentes, conforme nos revela a seguinte fala: “[...] o cargo de pedagogo é essencial para o bom desenvolvimento das atividades do campus.”(D1)¹.

Em relação ao planejamento curricular a análise dos dados nos permitiu perceber que esse é considerado por todos os sujeitos como algo imprescindível ao desenvolvimento das atividades na instituição, destacando-se nos discursos a conexão deste com a prática docente, segundo observamos na fala deste docente

Ele é fundamental até porque aquele currículo vai, não só, a palavra não seria impactar, mas não está vindo outra palavra agora, a atuação do professor, mas até a dos alunos também, pra traçar aquela diretriz, onde quer chegar, o que se quer trabalhar dentro daquelas disciplinas, a integração, a interdisciplinaridade [...] (D2).

Além disso, evidenciou-se que quanto melhor ocorre a construção do currículo – envolvendo os diferentes sujeitos e sendo fruto de amplas discussões – a qualidade da educação ofertada tende a ser diferenciada, atendendo assim, aos preceitos do EMI, visto que “o exercício da formação integrada é uma experiência de democracia participativa, ela não ocorre sobre o autoritarismo, porque deve ser uma ação coletiva, já que o movimento de integração é, necessariamente, social e supõe mais de um participante” (CIAVATTA, 2005, p. 101).

1 Para identificar os sujeitos utilizamos a letra (D) para docentes e (P) para pedagogas, seguidos de uma numeração.

Os dados revelaram que os docentes têm o entendimento de que o pedagogo contribui significativamente para o processo de planejamento curricular quanto a: legislação, contextualização do curso com a realidade local, esclarecimentos sobre cada ponto a ser construído no documento, construção do perfil profissional do curso, metodologias, processos avaliativos, a integração entre as áreas geral e técnica profissional, um ensino mais humanizado, organização de disciplinas, carga horária, interdisciplinaridade, entre outros.

Em virtude disso, percebe-se o quão é necessário saber o que é o currículo e o que ele representa. Para isso o pedagogo pode promover momentos de discussão e reflexão tratando acerca da concepção e a perspectiva de currículo que se tem enquanto instituição. Entendendo que

O currículo é uma práxis antes que um objeto estático emanado de um modelo coerente de pensar a educação ou as aprendizagens necessárias das crianças e dos jovens, que tampouco se esgota na parte explícita do projeto de socialização cultural nas escolas. É uma prática, expressão, da função socializadora e cultural que determinada instituição tem, que reagrupa em torno dela uma série de subsistemas ou práticas diversas, entre as quais se encontra a prática pedagógica desenvolvida em instituições escolares que comumente chamamos ensino. É uma prática que se expressa em comportamentos práticos diversos. (SACRISTAN, 2000, p. 15-16).

A concepção apresentada pelo autor vai de encontro a ideia do currículo apenas como “grade curricular”, uma compreensão que segundo os dados, ainda se faz presente na instituição. Para alguns docentes distribuir as disciplinas mostra-se ser o essencial do currículo e coexistindo com isso há um discurso de que é necessário haver praticidade e objetividade. Esse fato conduz a compreensão de que, para esses sujeitos, parece não estar claro a necessidade de o currículo dialogar com aspectos como o perfil profissional, os objetivos do curso e a formação numa perspectiva humana e integral, a metodologia a ser adotada.

Por isso a importância das discussões promovidas pelo pedagogo quanto a temática, mas tendo o cuidado de se fazer entendido ao discorrer sobre este e outros temas de ordem pedagógica. Os termos e a linguagem empregados pelo pedagogo precisam atingir a todos, visto que há docentes no quadro que não têm formação pedagógica, por isso

o cuidado de conhecer o nível de conhecimento que esses têm sobre o assunto é de extrema relevância. Isto demonstra que os processos comunicativos são inerentes ao bom desenvolvimento das atividades da instituição.

No *campus*, o planejamento curricular é feito por uma comissão, da qual fazem parte o pedagogo, a direção de ensino, a coordenação do curso e uma representatividade do grupo docente. Sobre isso foi visto que, na compreensão de docentes e pedagogas, seria muito mais construtivo se todos os docentes do curso pudessem participar do processo da elaboração do Projeto Pedagógico dos Cursos (PPC). Corroborando com essa compreensão, Souza (2006, p.69) nos diz que “O Projeto Pedagógico e o Currículo têm, pois, que ser uma construção coletiva e claramente configurada, ainda que não possam garantir todos os resultados neles previstos”.

Desse modo, elaborar um currículo integrado, que une formação geral a técnica profissional, visando superar a dualidade histórica não se mostra uma tarefa fácil, mas no entendimento dos sujeitos é algo possível. Conforme observamos na fala de uma pedagoga e um docente, respectivamente:

Porque eu acredito que se a gente, todo mundo conseguisse se envolver de fato, não só a equipe que está lá na comissão, mas o todo, ao invés do professor dar só o programa que ele vai dar, aí a gente conseguia realmente ser integrado, a gente conseguia ter uma visão do PPC na prática, ele vivo. (P1)

[...] E aí, se houver uma sinergia da área técnica com a pedagógica o PPC pode, digamos assim, criar um valor enorme e esse processo de planejamento curricular pode ser uma coisa bem interessante, bem pedagógica, no sentido de fazer com que o curso seja muito mais interessante, seja muito mais próximo de fato, da realidade, pra não ficar somente uma colcha de retalhos. (D1)

Mesmo diante da configuração que se apresenta, percebeu-se que um uma maneira de ampliar as discussões referentes a construção da proposta é o pedagogo incentivar discussões sobre a temática a partir dos núcleos por área de saber, que existem na instituição. Isso aumentaria as possibilidades de um PPC mais participativo. A interação entre pedagogo e docentes e esse fazer coletivo são necessários, pois conforme Almeida (2012, p. 45, grifos da autora), é preciso “não esquecer, principalmente,

do “escolher e fazer junto”: reflexões e propostas compartilhadas proporcionam o envolvimento e o compromisso de todos na ação”.

Assim, ser partícipe do processo favorece o comprometimento de vivenciar o que foi pensado em conjunto. Por isso as ações do pedagogo não se encerram com a construção do PPC, elas continuam a partir do acompanhamento e mediação da materialização desse a partir da prática docente. Destarte, o trabalho do pedagogo junto aos docentes também se refere ao acompanhamento e colaboração quanto ao planejamento, desenvolvimento da prática e dos processos avaliativos.

Para isso é preciso lembrarmos que colocar em prática um currículo integrado requer de pedagogos e docentes o compromisso com uma perspectiva de educação crítica, transformadora, emancipadora. Dessa maneira, reforçamos a importância de o planejamento curricular dar-se de forma coletiva, democrática e participativa, visto que ele repercutirá nas práticas. O que nos faz concordar com Santomé (1998, p. 209) ao nos dizer que:

Existem projetos curriculares integrados que podem ajudar o corpo docente a entender como é possível converter salas de aula em espaços nos quais, mediante propostas de ensino e aprendizagem, é efetuada uma relevante e significativa reflexão sobre a sociedade. Ao mesmo tempo servem de instrumento para a própria atualização do corpo docente e para a reconstrução de uma nova e necessária cultura educacional.

Assim, o pedagogo media as situações pedagógicas para colaborar com a construção de uma perspectiva educacional diferenciada, a qual solicita de os sujeitos darem um sentido novo ao seu fazer laboral, com fins na melhoria do ensino, pois de acordo com os docentes:

O pedagogo acaba meio que fazendo com que a gente entenda a necessidade de trabalhar a prática como um todo porque muitas vezes a impressão que eu tenho é que nós, docentes, a gente fica muito preso a passagem do conteúdo-avaliação, passagem do conteúdo – avaliação, aí o pedagogo, ele chega com esse olhar de que tem que ir além, de que a sua disciplina ela tem conversar com a do outro, de que o processo de ensino aprendizagem não é só a nota, da necessidade muitas vezes de olhar o estudante também como um protagonista nesse processo. (D3)

As ações são muito importantes, até mesmo naquele momento que eu não consigo ampliar essa visão minha

com relação a metodologias adotadas porque não tá surtindo efeito, trabalhar daquela forma, mas o aluno não avança. Então é nesse momento, é essa contribuição que o pedagogo trás pra gente. (D4)

Essa mediação contribui para o desenvolvimento de práticas transformadoras, o que para alguns docentes pode ser um desafio. Pois como revelaram os dados alguns docentes sem formação pedagógica podem estar reproduzindo o modelo de prática dos professores que tiveram quando eram estudantes e, às vezes, mesmo não sendo muito apropriada, é o modelo que eles têm como referência e por isso a replicam. Mas há aqueles que pelo fato de a experiência não ter sido boa, buscam adotar uma prática docente diferente da que receberam.

Contudo, é preciso destacar que reproduzir determinadas práticas não significa necessariamente comprometer o processo de ensino, bem como não generalizamos que todos os docentes sem formação pedagógica apresentam dificuldades em sua prática, pois a fala das pedagogas revela que dentre os profissionais sem formação pedagógica, há docentes com uma visão muito ampla de educação, de ensino e que, às vezes, mesmo havendo alguma limitação de ordem didático/pedagógica há empenho em aprender, em procurar meios para promover a aprendizagem dos estudantes.

Então eu não posso mais dizer que são os professores das disciplinas técnicas, que eles não têm, pelo contrário, às vezes eu digo até que eles têm um olhar mais amplo, que eles querem aprender para ter a metodologia de chegar na aprendizagem do aluno, mudar a metodologia, e eles não tiveram essa formação. (P1).

A formação técnica tem as dificuldades lá, devido a formação ser puramente técnica, mas procura, quer melhorar, quer resolver, quer encontrar o caminho e às vezes o pessoal da formação geral prefere fazer de uma forma diferente, mesmo tendo conhecimento de como deveria proceder com aquela questão de ordem pedagógica, eu acho que isso eu sinto fortemente no instituto. Mas eu quero registrar também pra você, que tem professores tanto de uma como de outra formação, por exemplo, me surpreendo como eu te falei no início, tem engenheiro que é um professor nato, ele ensina as coisas a gente, entendeu? (P2).

Diante dessa realidade, percebemos o quão esta parceria entre pedagogo e docentes se faz necessária e que para isso o pedagogo pode

construir caminhos que conduzam a um fazer colaborativo. De acordo com Vasconcellos (2002, p. 95, grifo do autor) “uma das grandes virtudes que se aponta hoje para a função supervisora é a sensibilidade, a capacidade de estar aberta, perceber o outro, reconhecer suas demandas, suas lacunas, bem como seu potencial, seu valor”. O que nos conduz a compreensão de que mediar a relação entre planejamento curricular e prática docente vai além de elemento burocráticos, uma vez que a relação que se estabelece entre os sujeitos necessita ser humanizada.

[...] o trabalho do pedagogo é fundamental para dar esse suporte, não só no burocrático, mas o suporte interpessoal mesmo, humano, de parceria, de orientação, de chegar junto [...], então pra mim é fundamental. (D5)

Eu acho que contribui, assim de um modo geral, na forma de como a gente chegar junto do aluno, trabalhar junto com ele, ter aquela aproximação, aquele diálogo, incentivar eles a se organizarem. [...] É justamente de humanizar mesmo esse processo de ensino porque como a gente tá aqui no instituto federal, é uma escola muito técnica e às vezes a gente até perde aquela sensibilidade. (D2)

Assim, estas falas nos possibilitam compreender a importância da atuação do pedagogo tanto nos processos relacionais quanto nos aspectos pedagógicos, especialmente na mediação entre o planejamento curricular e a prática docente. O que é desenvolvido através do diálogo, do trabalho em parceria, de estudos, discussões e construções coletivas, fundamentadas teoricamente e vivenciadas na prática cotidiana.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação do pedagogo na relação entre o planejamento curricular e a prática docente acontece na instituição pesquisada, tendo os dados revelado que existe a necessidade de fortalecimento de práticas de planejamento curricular a partir de uma perspectiva mais coletiva e participativa, na qual os diferentes sujeitos envolvidos no processo de ensino cooperam para uma construção, que tem como objetivo formar sujeitos críticos, autônomos e transformadores.

Os dados da investigação também denotaram que a atuação do pedagogo, em relação ao planejamento, visa: estimular a participação dos sujeitos, promover discussões e estudos quanto ao tema currículo, orientar, dar sugestões para o enriquecimento da construção, analisar

documentos concernentes ao PPC dos cursos e após a finalização desse, elaborar um parecer pedagógico. Sendo a mediação que este profissional realiza neste processo, vista como necessária pelos docentes da instituição.

Percebemos que o planejamento curricular se relaciona com a prática docente, sendo o currículo considerado pelos sujeitos como um elemento orientador desta. Assim a prática docente necessita ser algo pensado, vivenciado e refletido, buscando aprimoramentos para atender as demandas do EMI. Colaborar para que isso aconteça também é parte do trabalho do pedagogo, que junto aos docentes, busca a construção de uma prática transformadora, o que só é possível através do estabelecimento de boas relações entre ambos profissionais, especialmente pautadas no diálogo e no respeito.

Por fim, compreendemos que mediar a relação entre processos pedagógicos apresenta desafios ao pedagogo, mas também que este profissional contribui de modo significativo para o desenvolvimento dos aspectos relativos ao currículo e a prática docente na instituição.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R. Um dia na vida de um coordenador pedagógico de escola pública. *In*: PLACCO, V. M. N. S.; ALMEIDA, L. R. (org.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 21-46.

ARAUJO, R. M. L.; FRIGOTTO, G. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago. 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRANDT, A. G.; NASCIMENTO, F. S. C.; MAGALHÃES, N. R. S.; SILVA, M. C. O trabalho do pedagogo nos IFs: uma busca pela qualidade da educação profissional tecnológica. **Revista EIXO**, Brasília - DF, v.3 n.1, janeiro-junho de 2014. p. 67-74.

BRASIL. **Decreto nº 5.154**, de 23 de julho de 2004. Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em: 01 mar. 2019.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. *In*: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M.N (org.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

KUENZER, A. Z. (Org.). **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 9.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MACIEL, M. J. C. **A pedagogia do trabalho e o trabalho da pedagogia na escola de educação profissional**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, 2010, 300p.

MELO, M. J. C. **Os sentidos partilhados sobre estágio supervisionado e as contribuições para a prática docente do professor com experiência docente**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea. Recife: UFPE, 2014. 186f.

MELO, M. J. C. **Ações articulatórias nos movimentos de recriação das práticas curriculares coletivas dos professores do ensino fundamental**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação. Recife: UFPE, 2019. 241 f.

RAMOS, M. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. *In*: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (orgs.) **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

RAMOS, M. N. Ensino Médio Integrado: lutas históricas e resistências em tempos de regressão. *In*: ARAUJO, A. C.; SILVA C. N. N. (org.). **Ensino Médio Integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: Ed. IFB, 2017. p. 20-43.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Trad. de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAVIANI, D. A supervisão educacional em perspectiva histórica: da função à profissão pela mediação da ideia. In: FERREIRA, N. S. C. (org.). **Supervisão Educacional para uma escola de qualidade**: da formação à ação. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução as teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, J. F. de. **Prática pedagógica e formação de professores**. Recife: Centro de Educação, CE, UFPE, 2006.

VASCONCELLOS, C. S. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertard, 2002.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Tradução de Maria Encarnación Moya. 2. ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2011.